

Uma médica humanista

Os médicos produziram, na literatura, alguns poucos bons livros e muito sentimentalismo, quando as duas vocações não coincidem.

Sara Rikwa Erlich conseguiu ser diferente. Sua coletânea de contos, de fundo real, *Stories that had to be told*, obteve, antes de mais nada, o êxito de ver-se publicada pela Vantage Press, editora de boa reputação que cobre os Estados Unidos do Atlântico ao Pacífico.

Mais médicos que escritores vêm aplaudindo a obra, o que demonstra prosseguir médica a autora: desde o Prêmio Nobel, Albert Sabin, ao Presidente da Associação Psicanalítica Internacional, Edward D. Joseph, passando por outras autoridades na medicina. Não faltando, porém, a palavra de um humanista do nível do rabino Henry Sobel.

Sara Erlich é também a admirável companheira do psiquiatra Ladislau Porto, fundador do centro de Recuperação Motora do Nordeste, sediado no Recife, no qual também ela trabalha.

Dali a médica-escritora retirou suas vivências e valorizou-as literariamente,

num inglês poético, em colaboração com Estephania



Textos & idéias

Nogueira e com ilustrações de traço exato por Reynaldo Fonseca. Resultado: o livro saiu como um breviário tocante, cada conto transfigurando, mais que reproduzindo, grandes lições transmitidas por carentes ou doentes. Destacando-se os casos de crianças pobres.

Pungentes são estas histórias, comendo, reunidas, um pedaço da história de dor do Nordeste, o Brasil mais sofrido.

É uma pena que esteja desaparecendo a tradição de médicos humanistas. Já vai longe o tempo do grande Miguel Couto, emulo de Pasteur na simplicidade realmente franciscana da sua ciência-arte. Os médicos

convertem-se em técnicos na medida das suas especialidades, ou até em tecnocratas da saúde, quando dedicados, com eficiência, a planos de medicina social.

Tudo muito necessário, sem dúvida, mas onde fica o resto, se o "resto" é quase tudo, é a medicina em si, mais humanismo que qualquer outra coisa?...

Não vamos repetir, mesmo criticamente, nenhum dos casos descritos por dentro por Sara Erlich. Só um médico, ou uma médica, pode, tanto quanto o sacerdote na imagem hoje quase esquecida, compreender tão de perto a solidão diante da dor, o desamparo perante o sofrimento. Não é por acaso que o doente se chama de "paciente", pensemos um pouco nisto. Não há química que substitua a natureza. A doença começa no corpo e termina na alma ou vice-versa.

Uma fresta lança luz no íntimo de Sara Erlich: uma das suas dedicatórias cabe aos seus avós, tios e primos assassinados pelos nazistas nos campos de concentração da Polónia.

Vamireh Chacon
